

## **REI PELA CAUSA DA VERDADE, DA POBREZA E DA JUSTIÇA (SL 45)**

Valmor da Silva

O Sl 45 faz parte da coleção “dos filhos de Coré”, como consta no título de todo o conjunto, Sl 42–49, estudado neste fascículo. O mesmo título “dos filhos de Coré” consta ainda nos Sl 84–85; 87–88. A coleção, como um todo, é atribuída aos coraítas, um grupo fiel a Jerusalém, talvez com a função de levitas, na linha de uma teologia de Sião<sup>1</sup>. Mas o presente salmo, nos seus detalhes, se destaca dos demais por diversas diferenças.

O Sl 45 possui características sapienciais. Trata-se de um escriba, poeta e cantor, recitando seus versos numa festa de casamento, com apresentação em primeira pessoa, “eu”, no início e no final do poema (v. 2 e 18). Nesse aspecto, assemelha-se ao Sl 49, da mesma coleção<sup>2</sup>.

O Sl 45 é um poema profano, pois canta uma boda de casamento. Segundo Weiser, “é o único exemplo de lirismo profano no Saltério”<sup>3</sup>. Isto significa que não possui contexto sagrado, relativo ao templo ou à divindade. Podia até se referir, originalmente, a um casamento qualquer, não necessariamente ao casamento do rei, como os poemas de Cântico dos Cânticos.

O Sl 45 é considerado um salmo régio, ou real. Essa leitura é praticamente uma unanimidade entre os seus comentaristas. Mowinckel chega a afirmar que este “é o único exemplo, na totalidade da poesia dos salmos de Israel, de um verdadeiro hino ao rei”<sup>4</sup>. Quer dizer que o salmo não se dirige a Deus, mas ao rei, filho de ser humano, embora o mais mais belo.

O Sl 45 é um salmo messiânico. Aplica-se ao rei ideal, esperado, com todas as suas qualidades. Assim o interpretam a tradição judaica e cristã. Hb 1,8-9 aplica os v. 7 e 8 ao Messias Jesus Cristo.

O presente estudo se concentrará sobre a interpretação real do salmo, para demonstrar que tipo de rei é esperado, segundo a tradição bíblica.

Começamos por uma tradução literal do texto.

1. A propósito da coleção “dos filhos de Coré” e da teologia de Sião, pós-exílica, pode-se ler, neste fascículo, o comentário ao Sl 46, de Tércio Machado Siqueira; ou o comentário ao Sl 48, de Ludovico Garmus.
2. Quanto ao Sl 49, em seu gênero sapiencial, pode-se ler, neste fascículo, o comentário de Lilia Ladeira Veras.
3. Weiser, Artur. *Os Salmos*. São Paulo, Paulus, 1994, p. 267.
4. Mowinckel, Sigmund. *The Psalms in Israel's worship*. Vol. I. Oxford, Basil Blackwell, 1982, p. 74.

## 1. Tradução<sup>5</sup>

<sup>1</sup>*Ao mestre de canto. Sobre “Os lírios”. Dos filhos de Coré. Poema. Canto de amor.*

<sup>2</sup>Transborda meu coração, poema belo,  
dedico minha obra a um rei,  
minha língua é cálamo de escriba hábil.

<sup>3</sup>És o mais belo dos filhos de humanos,  
escorre graça nos teus lábios,  
por isso te abençoa *'Elohim* para sempre.

<sup>4</sup>Cinge tua espada sobre a coxa, ó valente,  
com majestade e esplendor; <sup>5</sup>retesa o arco, cavalga  
pela causa da verdade, da pobreza e da justiça,

e ensina maravilhas tua destra.

<sup>6</sup>Tuas flechas agudas, povos abaixo de ti caem,  
no coração dos inimigos do rei.

<sup>7</sup>Teu trono, *'Elohim*, para sempre e sempre!  
Cetro de retidão é o cetro do teu reinado!

<sup>8</sup>Amas a justiça e odeias a maldade.

Por isso te ungiu *'Elohim*, teu *'Elohim*,  
com óleo de alegria, mais que a teus companheiros.

<sup>9</sup>Mirra, aloés e cássia, todas as tuas vestes.

Dos palácios de marfim o som das cordas te alegra.

<sup>10</sup>Filhas de reis, entre tuas preciosas posses;  
rainha, à tua direita, com ouro de Ofir.

<sup>11</sup>Ouve, ó filha, vê e inclina teu ouvido:  
esquece teu povo e a casa de teu pai,

<sup>12</sup>apaixone-se o rei por tua beleza:

pois ele é teu senhor, inclina-te a ele!

<sup>13</sup>A filha de Tiro, com presente,  
teu rosto alegrarão os ricos do povo,

5. A tradução procura ser literal, mantém a ordem das palavras e algumas formulações típicas do hebraico, de acordo com o texto: Elliger, K. & Rudolph, W. *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 1987. Para os problemas e opções textuais, que não são aqui discutidos, pode-se conferir a “Análise filológica” em: Schökel, Luís Alonso & Carniti, Cecília. *Salmos, I (Salmos 1–72). Tradução, introdução e comentário*. São Paulo, Paulus, 1996, p. 619-21. O texto de referência para a tradução e disposição das estrofes é o da *Bíblia de Jerusalém*, com as devidas modificações.

<sup>14</sup>todos os bens, filha do rei, pérolas,  
vestes recamadas, ouro, vestida  
com <sup>15</sup>brocados, é levada ao rei,

as virgens, atrás dela, suas companheiras  
são levadas a ti.

<sup>16</sup>Trazidas com alegria e júbilo,

entram no palácio do rei.

<sup>17</sup>Em lugar de teus pais virão teus filhos,  
e os farás príncipes em toda a terra.

<sup>18</sup>Vou recordar teu nome de geração em geração,  
por isso os povos te louvarão para sempre e sempre.

## 2. Estrutura e organização

Alguns elementos da estrutura e organização do salmo podem ajudar a compreender melhor o seu conteúdo.

O v. 1 é o cabeçalho do salmo, independente do corpo do texto, espécie de título agregado posteriormente, com informações sobre o seu uso litúrgico e inserção na coleção geral<sup>6</sup>. Provavelmente fornece indicações musicais para o salmo ser cantado, sendo difícil perceber sua conexão com o contexto original. A expressão *Ao mestre de canto* indicaria que o salmo devia ser cantado “com acompanhamento”, isto é, ao som de um instrumento musical. Logo é indicada também a melodia popular a ser seguida para esta letra, *Sobre “Os lírios”*. Mas lírio pode significar mais e, no caso deste salmo, sugeriria amor e fertilidade. *Dos filhos de Coré* faz referência à autoria, mas poderia ser também dedicatória ou título da coleção. De qualquer forma, deve significar que os salmos de Coré foram cultivados nos círculos deste grupo. *Poema* pode dizer respeito ao uso litúrgico do salmo, bem como ao seu caráter didático. A expressão *Canto de amor* faz referência a amores e amantes e indica uma oportuna apropriação do conteúdo do salmo.

Os v. 2 e 18, espécie de dedicatória, palavras do artista, fazem inclusão, abrindo e fechando o poema. Essa observação é evidente, por se tratar dos únicos versículos em primeira pessoa “eu”.

Os v. 3-10 são dedicados ao rei, ou seja, do ponto de vista formal, os sufixos são todos de segunda pessoa masculina. Trata-se de alguém, talvez ela, dirigindo-se a ele.

Os v. 11-16 são dedicados à noiva, como expressão de alguém, ele, falando para ela. O v. 17 quebra esta seqüência, porque volta a dirigir-se ao rei, com sufixos de segunda pessoa masculina. Trata-se da sucessão real, com augúrios sobre os filhos ho-

6. Veja: Enciso, Jesús. Los títulos de los Salmos y la historia de la formación del Salterio. *Estudios Bíblicos*. Madrid, 1954, n. 13, p. 135-166.

mens. O verso supõe, nas entrelinhas, o envolvimento amoroso e a maternidade da noiva, cantada no poema. Não estaríamos tão longe do Cântico dos Cânticos.

Do ponto de vista do conteúdo, os v. 3-8 são dedicados ao rei. Os seguintes, v. 9-16, descrevem a festa, e o v. 17 volta a dirigir-se ao rei.

Os personagens que atuam no salmo são bastante salientes<sup>7</sup>. Não é preciso mencionar o cantor, poeta ou escriba que presta a homenagem (v. 2 e 18). Protagonizam o poema o rei e a princesa real. O rei vive um momento único de sua vida, as bodas de casamento (v. 3-10). A princesa é a noiva escolhida para ser a esposa do rei (v. 11-16). A rainha mãe está à direita do rei, seu filho (v. 10). Acompanham a noiva, em procissão, as virgens, suas companheiras (v. 15-16).

Em seu conjunto, pode ser identificada, no Sl 45, uma estrutura concêntrica ou quiástica, como faz Alden<sup>8</sup>:

- 2    *A – Eu falo.*  
3        *B – Tu és abençoado para sempre.*  
4-9        *C – O noivo glorioso.*  
10            *D – Filha do rei.*  
11                *E – Noiva para deixar.*  
12                *E – Noiva para manter.*  
13            *D – Filha de Tiro.*  
14-16        *C – A noiva bela.*  
17        *B – Teus filhos reinarão.*  
18    *A – Eu recordarei.*

A proposta de estrutura é clara, e coloca no centro do poema a noiva, o que não deixa de ser interessante.

### 3. Rei mundano

O Sl 45, além de pertencer à coleção de salmos “dos filhos de Coré”, faz parte de um conjunto chamado de salmos reais, ou salmos régios<sup>9</sup>. Pertencem a este grupo Sl 2; 18; 21; 45; 72; 101; 132; 144. Também Sl 20; 28; 61; 63; 89,47-52; 110.

7. Confira: Schökel, Luís Alonso & Carniti, Cecília. *Salmos*, p. 622-625.

8. Alden, Robert L. Chiasmic Psalms: a study in the mechanics of semitic poetry in Psalms 1–50. *Journal of the Evangelical Theological Society*. Nova York, 1974, n. 17/1, p. 26.

9. Dentre os vários estudos sobre os salmos reais, seguimos mais de perto: Gunkel, Hermann. *Introducción a los Salmos*. Valencia, Edicep/Institución San Jerónimo, 1983, p. 161-190. Também: Gorgulho, Gilberto. *Os Salmos do rei*. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, Vozes, 1989, n. 23, p. 9-17.

O elemento comum a todos esses salmos é a referência ao rei e, portanto, à monarquia e seus elementos institucionais. A monarquia é o *Sitz im Leben*, o lugar vivencial, ou seja, o ambiente vital que inspirou todos esses salmos. No caso do Sl 45, é nomeado “o rei” (v. 2.6.12) sem títulos adicionais, como em outros casos. Com o rei está sua amada (v. 11-16), no momento especial de sua vida, a festa de casamento. A rainha mãe está ao lado do rei (v. 10) e, ao redor, todo o séquito das virgens que acompanham a solenidade (v. 15-16). Ao ler esse salmo a pessoa é lançada para dentro de um palácio luxuoso, em meio a uma festa de corte, rodeada de vestes deslumbrantes e de músicas encantadoras.

A inspiração do salmo provém, talvez, de um personagem histórico da vida da nação, mas o texto não deixa traços desse rei. As hipóteses perseguem Acab, Jeú e Jeroboão II, reis de Israel, bem como Salomão e Jorão, de Judá, sem contar Aristóbulo I ou algum dos ptolomeus. Mas o Sl 45, por algumas características de linguagem, e por não conter referência a Davi, nem a Sião, deve provir do Norte<sup>10</sup>.

Isso o situaria no contexto original das frágeis monarquias de Israel, enquanto se afirmavam, por imitação dos reinos vizinhos, mas sempre sob a forte vigilância da profecia interna. É do Reino do Norte que provém a esperança profética de Oséias (2,1-3), as utopias deuteronomistas de um profeta, um novo Moisés (Dt 18,15-22), as propostas de retribalização de Jeremias (30–31).

Contudo, o Sl 45 reflete, em si, o ambiente palaciano, não o profético nem o levítico. A inspiração provém de uma típica festa de palácio, do Antigo Oriente, celebrada em Israel, como nas mais antigas cortes egípcias ou assírio-babilônicas.

Os cantores de Israel foram famosos, como se vê neste salmo, no livro de Cantares e em tantos outros poemas. O estilo desses cantos imita o de outros países, onde artistas fazem parte da festa, cantam diante do rei e da corte, acompanham com instrumentos (v. 9), para exaltar as qualidades do monarca. Nesses cantos, em geral, a realidade histórica sai perdendo, em favor da descrição ideal. A obra artística visa imortalizar a figura do rei, não protestar contra os seus desmandos, como fazem os profetas nas praças. Longe do ambiente popular, esses autores participam do palácio, são membros da capela real (v. 9).

Por isso, o salmo analisado reflete os costumes e ambiente típicos da monarquia, e deve ter sido composto, originalmente, nesse contexto cultural. A poesia procura esbanjar luxo, exaltação e poder. O rei é representante imediato de Deus, espécie de vice-Deus, sendo até mesmo denominado Deus (v. 7). Por conseguinte, é o ser humano mais belo, no qual tudo é graça, e recebe a bênção de Deus (v. 3) que o unge (v. 8). O trono desse rei é considerado perpétuo e imortal (v. 3.7.18) e seu domínio universal (v. 17).

A exaltação à guerra concentra a maioria dos elogios (v. 4-6). Primeiramente a espada (v. 4), principal insígnia real, símbolo da justiça, em seguida as flechas (v. 5-6), pela verdade, pobreza e justiça, mas também pelo domínio aos estrangeiros. Mas não

10. “Sl 45 procede, com toda probabilidade, do Reino do Norte”, segundo Gunkel, Hermann. *Introducción a los Salmos*, p. 162. “Presumivelmente foi dedicado a um rei do Reino do Norte”, conforme Weiser, Artur. *Os Salmos*, p. 267.

faltam cavalos, ou carros de guerra, que conduzem à vitória. O trono (v. 7a), símbolo da dinastia davídica, e o cetro (v. 7b), símbolo da justiça nacional, reforçam a vocação desse rei para o reto julgamento (v. 8)<sup>11</sup>.

Sobejam elogios aos perfumes das vestes, à melodiosa música, ao marfim do palácio (v. 9).

A entrada da noiva, com seu séquito, enche ainda mais de esplendor a festa. Trata-se do casamento real. A descrição dos costumes segue o ritual típico das antigas monarquias orientais. A mulher escolhida como esposa deve esquecer seu povo e a casa paterna (v. 11). Ela é estrangeira, provavelmente de Tiro (v. 13). Não falta um toque de submissão da esposa ao seu senhor (v. 12), como também de submissão dos filhos à vontade do pai (v. 17). As virgens, companheiras, recebem sua função tradicional de seguir a esposa (v. 15). A rainha-mãe ocupa lugar privilegiado, à direita do rei (v. 10). Os augúrios finais são, nesse contexto, de filhos homens, para expandir o reino política e militarmente (v. 17).

Portanto, neste horizonte de representações, apela-se para as estruturas típicas da época. As mulheres são ricamente vestidas, exibem-se em desfiles deslumbrantes, possuem ouro de Ofir. Ele tem a beleza completa e a força dos cavalos, é chamado Deus e senhor, pertence à linhagem divina.

Permanece, como função principal do rei, lutar pela verdade, a pobreza e a justiça (v. 5).

#### **4. Rei messiânico**

A leitura do Sl 45, como visto, não se aplica, literalmente, a nenhum rei histórico. Salmo saudosista, foi inspirado, certamente, numa monarquia já passada, ou então, quem sabe, numa monarquia ideal, inexistente. E talvez, melhor ainda, numa monarquia futura, diferente, próxima à perfeição. Essa foi, ao longo da história, a interpretação que se deu ao salmo. Se o rei ideal, tão lindamente cantado, não existe de fato, o recurso é projetá-lo para o futuro.

As coleções de salmos se organizaram no pós-exílio. Nessa época, não existiam mais reis em Israel, e as esperanças de recuperar alguma forma de monarquia estavam muito distantes. Por isso, foi fácil fazer a releitura do Sl 45 e incluí-lo no cânon bíblico. Ora, quando não há mais rei em Israel, nem possibilidade política de recuperar a monarquia, projetam-se todas as qualidades num rei ideal. Essa figura perfeita, capaz de trazer a justiça e o direito, é o Messias.

A idéia do rei ideal, projetado como Messias, perpassa diversos salmos. A base é sempre a profecia de Natã (2Sm 7), repetida adiante (1Rs 9,5), prevendo uma aliança duradoura com a dinastia de Davi. Essa idéia é transferida para vários salmos, que a aplicam ao Messias rei. O rei messiânico é entronizado, enfrenta oposições, mas im-

11. Confira: Schökel, Luís Alonso & Carniti, Cecília. *Salmos*, p. 626. Também: Bortolini, José. *Conhecer e rezar os Salmos – Comentário popular para nossos dias*. São Paulo, Paulus, 2000, p. 192.

põe sua força até a vitória final (Sl 2). A oração pelo rei messiânico, no dia de sua entronização, pede sucesso geral, mas principalmente justiça aos humildes e pobres (Sl 72). A lamentação coletiva pela ruína da casa real recorda a promessa messiânica a Davi, para mover a Deus ao restabelecimento da mesma (Sl 89). Especialmente significativo é o oráculo profético que exalta a pessoa do Messias, rei vitorioso e sacerdote eterno, convidado a sentar-se à direita de Deus (Sl 110). Outro salmo litúrgico recorda a aliança com Davi e sua missão messiânica (Sl 132).

Os profetas também projetam uma imagem de Messias semelhante, rei ideal, instrumento de Deus<sup>12</sup>. Como o único rei do povo de Israel é Javé, esse estabelece um vassalo, “ungido” ou, em hebraico, “messias”, para representá-lo sobre a terra. Natã foi o primeiro profeta a idealizar essa figura, quando prometeu a permanência da dinastia de Davi (2Sm 7). Diante das decepções apresentadas pelos descendentes de Davi, a esperança foi se projetando para o futuro. Isaías o imagina criança, com riqueza de títulos (Is 9,5) e repleto do espírito de Javé (Is 11,1-5). Miquéias diz que será de Belém, de Éfrata (Mq 5,1). Em Isaías ele é Emanuel, “Deus conosco” (Is 7,14), e em Jeremias é “Javé nossa justiça” (Jr 23,6). Com o exílio, essa idéia messiânica sofre um baque, mas não desmorona. Retorna modificada e com grande ênfase. Ezequiel o descreve como príncipe (não rei), pastor, mediador (Ez 34,23-24). Para o Dêutero-Isaías o messias é Ciro, rei da Pérsia (Is 45,1). Zacarias o imagina rei humilde e pacífico (Zc 9,9-10). Em Daniel ele vem das nuvens, para estabelecer um reino que não passará (Dn 7,9-14).

Portanto, a imagem do rei sofreu considerável evolução e mudança ao longo da história, até se concretizar no Messias. A própria imagem do Messias, além disso, também evoluiu e tem versões diferentes. Esperava-se, nalguns círculos, um Messias régio, noutros um Messias sacerdotal, noutros ainda um Messias transcendente, sem esquecer o Messias servo sofredor, moldado no exílio, no contexto do Dêutero-Isaías.

Cabe ainda considerar que a monarquia, em Israel, imitou antigos impérios, de povos vizinhos, mas guardou traços totalmente distintos das demais. Primeiramente, Israel resistiu por muitos anos até aceitar a instituição monárquica. Foram séculos de história, com regime de governo alternativo, com lideranças espontâneas de juízes, com organização popular, através da solidariedade tribal e, sobretudo, com rejeição ao regime monárquico. Permanecia inabalável a convicção de que ninguém podia reinar sobre esse povo, porque só Javé era seu rei e soberano.

E, finalmente, a monarquia se impôs com muita dificuldade, enfrentando a resistência popular e de muitos setores que permaneceram em oposição à mesma. As próprias narrativas conservam textos claramente contrários à monarquia (1Sm 8; 10,17-24; 12). E mesmo depois, constatados tantos fracassos, o imperialismo é avaliado como um mal para a nação.

Essa visão difere muito dos impérios circunstantes, onde a monarquia era o sistema de governo secular, perene e inquestionável. Na Babilônia, por exemplo, acredita-

12. Seguem alguns exemplos da *Bíblia de Jerusalém*, p. 1336-1337.

va-se que ela era presente dos deuses, da era mítica<sup>13</sup>. Em Israel, contrariamente, nunca se cultua o rei como uma divindade. Também em Israel não há rei por força do poder, mas somente por eleição divina. Em Israel, enfim, o rei não nasce filho de Deus, mas recebe uma adoção quando é ungido para ser rei. Escolhido por Javé, ele é também ungido para ser seu representante imediato. Por isso, ele é ungido de Deus (Sl 45,3.8), é o eleito de Javé (Sl 89,4.21), senta-se à sua direita (Sl 110,1), é filho de Deus (Sl 2,7), é divinizado (Sl 45,7) e deve exercer a vontade do próprio Deus na terra. Davi, o primeiro eleito, permanece como o ideal de rei ao qual todos os demais devem imitar.

A tradição histórica projetou, na figura de Davi, todas as perfeições do rei querido, pobre e defensor dos pobres, justo e promotor da justiça. Um texto significativo, embora posterior, que retrata esse modelo idealizado e estilizado, é o seu testamento (2Sm 23,1-7).

Esse tipo de messianidade tem base na própria história de Davi<sup>14</sup>. Ele representa a tradição de Belém, de Éfrata (Mq 5,1), não de Jerusalém, nem de Sião. Toda a história de sua ascensão (1Sm 16 a 2Sm 5) traz toques messiânicos. O cabeçalho já o anota: “sabe tocar e é forte e valente, homem de guerra, sisudo em palavras e de boa aparência; e o Senhor está com ele” (1Sm 16,18). Davi será o ungido de Javé, justamente por sua prática da justiça.

Mas o período que cultivou essa idéia do rei Messias, defensor dos pobres, foi o pós-exílio, quando já não havia mais possibilidade concreta de monarquia com força política e militar. A última esperança de restauração do reino davídico havia sido alimentada com Zorobabel, na época da restauração do templo, inclusive com apoio de Ageu e Zacarias (Ag 2,20-23; Zc 3,8-10)<sup>15</sup>.

Mas o governo de Zorobabel, o distante descendente de Davi, terminou em fracasso, desaparecido do cenário histórico de maneira inexplicável. E Judá continuou dominado pelo Império Persa.

Neste ambiente, as comunidades pobres, dos *'anawim*, em torno ao templo, passaram a cultivar, com mais ênfase, a idéia do rei messiânico.

Foi a forma que os levitas, cantores e escribas do templo encontraram para animar a esperança do povo naquele momento difícil. Era preciso dar sentido à profecia de Natã, explicar como essa podia se realizar. A solução foi projetá-la para um rei ideal, messiânico. O rei prometido, na linha de Davi, irá realizar a promessa de restabelecer o direito, a justiça e a paz. O Deus de Israel, fiel a sua promessa e a sua aliança, com certeza não podia decepcionar a esperança dos pobres.

13. Informação em: Kraus, Hans-Joachim. *Teología de los Salmos*. Salamanca, Sígueme, 1985, p. 146.

14. Sobre este ponto assumimos as posições de: Schwantes, Milton. Esperanças messiânicas e davídicas. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, Vozes, 1989, n. 23, p. 18-29.

15. Sobre o messianismo em Zacarias, representado no anúncio do rebento, pode-se consultar: Torres Bedoya, Luiz Eduardo. O anúncio do rebento: Uma saída para a crise – Messianismo em Zacarias 3,8-10. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, Vozes, 1997, n. 52, p. 38-57.

Nessa corrente espiritual dos *'anawim* pode-se ler, mais tarde, o oráculo sobre o Messias, chefe da comunidade dos pobres (Zc 9,9-10).

## 5. Defensor da verdade, da pobreza e da justiça

A idéia que move a ação do rei é a “causa da verdade (*'emet*), da pobreza (*'anawah* variante de *'anawah*) e da justiça (*šedeq*)” (Sl 45,5). E logo, ele é o rei que “ama a justiça (*šedeq*) e odeia a maldade (*rexa* ’)” (v. 8). A tarefa de lutar pela justiça era inerente à função do soberano, e se mantém em qualquer nível de leitura, seja histórica, seja messiânica, quer projetada para o passado, quer para o futuro. Aqui, o contexto é de guerra, em defesa desses valores essenciais.

Os três termos possuem significado importante na análise da função régia. A única vez que ocorrem juntos, *verdade, pobreza e justiça*, na Bíblia Hebraica, é aqui, no Sl 45,5. *Pobreza* significa humildade, no sentido de humilhação. É a qualidade dos pobres (*'anawim*), que não têm a quem apelar, a não ser a Deus. Sofonias sugere, aos *pobres* da terra, para o momento de apuro, buscar a *justiça* e a *pobreza* (2,3).

Os termos verdade e justiça, juntos, ocorrem em diversas passagens. Isaías propõe, justamente, um rei descendente de Davi, assentado na misericórdia, na *verdade*, no direito e na *justiça* (Is 16,5). Adiante, reprova quem não louva com *verdade* e *justiça* (*šedaqah*) (48,1) e, mais, lamenta a falta de direito, *justiça* e *verdade* (59,14). Jeremias usa a mesma tríade para condicionar a bênção à *verdade, justiça* e direito (Jr 4,2). Mas a idéia de verdade, associada a pobreza e justiça, está bem presente em Zacarias. Javé pede um julgamento de *verdade*, de amor e misericórdia para com irmãs/ãos, bem explicados, como viúva, órfão, estrangeiro e *pobre* (Zc 7,9-10). Por isso, Jerusalém será chamada Cidade da *verdade* (Zc 8,3) e Deus será, para aquele povo, um *'Elohim* na *verdade* e na *justiça* (Zc 8,8). Igualmente o salmo associa o julgamento de Javé como *verdade* e *justiça* (Sl 19,10). E outro afirma que “amor e *verdade* se encontram, *justiça* e paz se abraçam; da terra germinará a *verdade*, e a *justiça* se inclinará do céu” (Sl 85,11); a mesma associação para fundamentar o trono do rei, em *justiça* e direito, amor e *verdade* (Sl 89,15); pois a *justiça* de Deus é para sempre, e sua lei é *verdade* (Sl 119,142.160).

Muitos outros salmos enfatizam a idéia da justiça, associada ao direito, como prerrogativa real. O carisma e missão do rei consistem justamente na defesa do direito e da justiça<sup>16</sup>. Na entronização do rei, pede-se a Deus “para que ele governe teu povo com justiça, e teus pobres conforme o direito” (Sl 72,2). Os peregrinos saúdam Jerusalém, “pois ali estão os tronos da justiça” (Sl 122,5).

O rei tinha função de juiz, sendo a última instância de apelação, para quem não possuía outra forma de defesa. Era função do rei defender as pessoas espoliadas de seus direitos, atender ao clamor de quem não tivesse ninguém em sua defesa. Por isso, encontravam proteção no rei, principalmente os débeis, desamparados e oprimidos. Enfim, o rei era o advogado dos pobres, o chamado juiz de Israel.

16. Confira: Kraus, Hans-Joachim. *Teología de los Salmos*, p. 160-166.

A defesa do direito e da justiça, naturalmente, são prerrogativas divinas. Javé é o Deus que ama o direito e a justiça (Sl 11,7; 33,5; 37,28; 99,4; Is 61,8) e os concede ao rei (Sl 72,1).

Também os profetas relembram a verdadeira função da figura do rei: esperança de libertação dos pobres (Is 10,1-14), julgar os fracos com justiça (Is 11,4-6), buscar o direito e zelar pela justiça (Is 16,5), julgar o direito e arrancar o explorado da mão do opressor (Jr 21,12).

A tradição histórica mantém a prática do julgamento com justiça, como se confirma com Absalão, descendente de Davi (2Sm 15,1-6), e com o clássico julgamento de Salomão sobre as duas mães (1Rs 3,16-28).

A figura do rei, em Provérbios, tem o mesmo cunho, de firmar seu trono sobre a justiça (Pr 16,12), sustentar seu trono no amor e na fidelidade (Pr 20,28), manter o direito (Pr 29,4), julgar os fracos com verdade (Pr 29,14).

## 6. O Messias Jesus

Com base na tradição judaica, o cristianismo manteve a idéia do rei Messias e a ampliou ainda mais. O messianismo passou a ser, então, uma das fortes linhas de interpretação da pessoa de Jesus Cristo. Naturalmente não cabiam, nele, as prerrogativas da monarquia de Israel, nem tampouco as glórias descritas nos salmos reais. Mas a missão régia, de defender a justiça, essa sim, se aplica inteiramente a Jesus.

O Sl 45,7-8 é relido, literalmente, conforme a tradução grega dos Setenta, em Hb 1,8-9. Ali os atributos do rei, apresentados no salmo, são aplicados a Jesus. Ele tem um trono eterno e um cetro de retidão, que forma o seu reinado. A evocação do tema do reino de Deus torna presente toda a pregação de Jesus. E a unção de Jesus Cristo, enfim, está associada ao amor à justiça e conseqüente ódio à iniquidade. O próprio nome, Cristo, significa ungido ou Messias. Sendo portanto Cristo o ungido por excelência, ele realiza totalmente as promessas messiânicas de estabelecer o direito e a justiça.

Mas a interpretação patrística ampliou ainda mais a interpretação do salmo, na linha da metáfora amorosa e matrimonial<sup>17</sup>. Nela, Cristo é interpretado como o esposo, enquanto a Igreja representa sua esposa, e o salmo celebra essas bodas.

## Bibliografia

ALDEN, Robert L. Chiasmic Psalms: a study in the mechanics of semitic poetry in Psalms 1–50. *Journal of the Evangelical Theological Society*. Nova York, 1974, n.17/1, p. 11-28.

*Bíblia de Jerusalém (A)*. São Paulo, Paulus, 1995.

BORTOLINI, José. *Conhecer e rezar os Salmos – Comentário popular para nossos dias*. São Paulo, Paulus, 2000.

17. Veja: Schökel, Luís Alonso & Carniti, Cecília. *Salmos*, p. 630-632.

- ELLIGER, K. & RUDOLPH, W. *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 1987.
- ENCISO, Jesús. Los títulos de los Salmos y la historia de la formación del Salterio. *Estudios Bíblicos*. Madri, 1954, n. 13, p. 135-166.
- GORGULHO, Gilberto. Os Salmos do rei. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, Vozes, 1989, n. 23, p. 9-17.
- GUNKEL, Hermann. *Introducción a los Salmos*. Valencia, Edicep/Institución San Jerónimo, 1983.
- KRAUS, Hans-Joachim. *Teología de los Salmos*. Salamanca, Sígueme, 1985.
- MOWINCKEL, Sigmund. *The Psalms in Israel's worship*. Vol. 1. Oxford, Basil Blackwell, 1982.
- SCHÖKEL, Luís Alonso & CARNITI, Cecília. *Salmos, I (Salmos 1–72) – Tradução, introdução e comentário*. São Paulo, Paulus, 1996.
- SCHWANTES, Milton. Esperanças messiânicas e davídicas. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, Vozes, 1989, n. 23, p. 18-29.
- TORRES BEDOYA, Luiz Eduardo. O anúncio do rebento: Uma saída para a crise – Messianismo em Zacarias 3,8-10. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, Vozes, 1997, n. 52, p. 38-57.
- WEISER, Artur. *Os Salmos*. São Paulo, Paulus, 1994.

*Valmor da Silva*  
Rua 94, n. 63, Ap. 200  
74083-060 Goiânia, GO  
lesil@terra.com.br